



**CONGRESSO
DE ARQUEOLOGIA
DA BACIA HIDROGRÁFICA
DO TEJO**

AUDITÓRIO DO MUSEU
DE CERÂMICA DE SACAVÉM

Loures

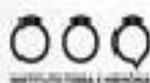
19 > 22 Abril

LIVRO DE RESUMOS

Organização



Co-organização



Apoio



Patrocínios



Índice

APRESENTAÇÃO	4
O Local	4
Museu da Cerâmica de Sacavém – Loures	4
A identidade Organizadora.....	5
LISTA DE Participantes	6
COMISSÃO CIENTÍFICA	7
Comissão Organizadora.....	7
PROGRAMA.....	8
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES.....	11
Conferência de Abertura do Congresso	11
A Arte Rupestre do Tejo, 40 anos depois	11
I Sessão: Mesolítico	12
Particularidades da Indústria Lítica em sílex do Concheiro da Moita do Sebastião.....	12
II Sessão: Arte Rupestre.....	13
Arte Rupestre Incisa da Bacia Hidrográfica do Médio/Alto Tejo Português em contexto ibérico: Semelhanças e diferenças	13
Trabalhos arqueológicos Desenvolvidos em painéis de Arte Rupestre e em Mamoas do Concelho de Pampilhosa da Serra, Portugal	13
Tradição Popular e Arte Rupestre	13
Arte Rupestre; uma abordagem semiótica	14
Arte Rupestre da Serra do Cabeço Rainha (Sertã-Oleiros), Enquadrada na Arte Rupestre da Região Centro de Portugal.....	14
Vestígios de Arte Rupestre Esquemática no Alto Ribatejo: abordagem preliminar	15
Conferência de Geoarqueologia.....	16
Os terraços do baixo Tejo como arquivos da tectónica, eustatismo, clima e ocupação humana durante o Pleistocénico.....	16
III Sessão: Geoarqueologia	16
Estudo Petrográfico de algumas Rochas presentes em Artefactos de pedra polida do Alto Ribatejo 16	16
Face à escassez de estudos sobre esta matéria o autor recupera aqui e desenvolve, nalguns aspectos, informação contida na sua tese de mestrado referente ao estudo petrográfico de algumas rochas que serviram de suporte ao fabrico de artefactos de pedra polida recenseados no Alto Ribatejo, dando-lhe assim uma maior visibilidade e actualidade.....	17

Através da realização de lâminas delgadas, que permitiram a análise dos componentes mineralógicos de 12 amostras, foi possível	17
IV Sessão: Arqueozologia.....	18
As Aves Fósseis do Centro de Portugal: Dos vestígios mais antigos ao Pleistocénico. Contexto paleontológico e arqueológico.	18
Do Bronze final aos períodos Tardo-Romano e Medieval: as arqueofaunas da Gruta do Cadaval (Alto Ribatejo)	18
V Sessão Museologia e Didáctica.....	19
Valorização do património arqueológico e desenvolvimento turístico: dos riscos às potencialidades.	19
Um Olhar Sobre a Pré-História do Espichel: estudo sobre a percepção dos visitantes	19
O Poder do Objecto	19
Comunicar e criar experiências com artefactos (e mentefactos, tecnologias, actividades)	19
Museografia: o caso da exposição "Um olhar sobre a Pré-História do Espichel	20
VI- Sessão: Antropologia Biológica	21
Contextos funerários da transição 4º/3º milénio a.C. no vale do Nabão – O caso da Gruta dos Ossos (Tomar)	21
Dental Morphology of a Neolithic Sample from the Burial Cave of Cadaval, Tomar, Portugal	21
Una lectura social de las cuevas con osarios del valle del Tajo (VI-III milenio cal BC): Garganta Canaleja (Romangordo).....	21
Quando os Ossos Falam – Santa Maria dos Olivais, Tomar	22
Conferência de Abertura (Proto-História)	23
Quinta do Almaraz, Uma Cidade na Foz do Tejo	23
VII Sessão- Idade dos Metais	23
Entre o IIº e o Iº Milénio a.C. na bacia do Tejo: problemas não resolvidos e novas abordagens de investigação para a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro.....	23
Modalidades Funerárias na Idade do Bronze Final no Alto Ribatejo	24
O sítio arqueológico do Castelo da Loureira (Alvaiázere) – Problemáticas e Interrogações	24
VIII Sessão: Neolítico	25
Estudo do espólio funerário neocalcolítico da Sala do Ricardo da Lapa da Bugalheira (Torres Novas, Santarém)	25
La evolución del paisaje en la Prehistoria Reciente del valle extremeño del Tajo: el proyecto Alconétar	25
Conferência de Encerramento do Congresso	27
O Acheulense da região de Muge e a jazida do Cabeço da Mina.....	27

APRESENTAÇÃO

O Vale do Tejo é uma região muito rica em vestígios arqueológicos. Nela estão documentadas várias ocupações humanas desde o Paleolítico Inferior, através das inúmeras estações arqueológicas que se situam nas margens do rio. Devido à sua importância científica, inúmeros arqueólogos, nacionais e estrangeiros, têm investigado, estudado e publicado vários artigos, livros e teses sobre a arqueologia do maior rio que atravessa Portugal. Destes investigadores pode destacar-se, os nomes de Carlos Ribeiro, o “pai” da arqueologia pré-histórica portuguesa, Georges Zbyszewski, Veiga Ferreira e, mais recentemente, João Luís Cardoso, Luís Raposo, Luiz Oosterbeek, António Martinho Baptista, Mário Varela Gomes e José Rolão, entre muitos outros.

Por todas estas razões justificou-se a organização, pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História, de umas jornadas dedicadas à arqueologia do Vale do Tejo, que decorreram entre os dias 3 e 6 de Abril de 2008, no auditório do Museu da Cerâmica de Sacavém*, em Loures, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Loures. Nestas jornadas foram apresentadas várias comunicações de diversas áreas ligadas à arqueologia, como a arqueologia pré-histórica, a arqueologia histórica e urbana, a arqueologia industrial, o património arqueológico, a antropologia física, a geo-arqueologia e a arqueozologia, nas quais foram divulgados os actuais conhecimentos sobre a arqueologia do Vale do Tejo.

Pretende-se agora alargar o âmbito dos trabalhos realizados por ocasião das referidas Jornadas, organizando o Congresso de Arqueologia da Bacia Hidrográfica do Tejo, entre 19 e 22 de Abril do corrente ano, que conta com diversas sessões gerais e sessões temáticas, para além de visitas de estudo e outras actividades (ver programa em anexo).

A organização está a cargo do Centro Português de Geo-História e Pré-História, juntamente com o Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar e com o Laboratório de Arqueozologia e Paleontologia (IPT-CPGP).

O Local

Museu da Cerâmica de Sacavém – Loures

Da antiga fábrica de faiança, fundada em 1856 por Manuel Joaquim Afonso, ficou como património valioso e único, o forno 18 da Fábrica de Loiça de Sacavém.

Em torno desta construção de 12 metros, nasceu um museu, inaugurado a 7 de Junho de 2000, com a presença do então Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio. Com salas de exposição nos dois pisos, oficinas, reservas visitáveis, um centro de documentação com o nome do fundador da fábrica - Manuel Joaquim Afonso – o Museu de Cerâmica de Sacavém apresenta também um auditório e uma loja.

O Museu mereceu, em 2002, o Prémio Luigi Micheletti (Fórum Europeu dos Museus).



Morada:
Rua Fábrica da Loiça
2685 Sacavém

As datas:
19 a 22 de Abril de 2012

A identidade Organizadora

Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP)

O CPGP, formado em Outubro de 1993, constituiu-se como associação em 1995. Desde o seu início tem procurado, fomentar e desenvolver actividades de investigação e divulgação nos campos da Geo-História e da Pré-História.

Ao longo da sua história realizou várias actividades de investigação, das quais se destacam prospecções realizadas no âmbito da paleontologia e arqueologia e trabalho de gabinete sobre o espólio recolhido no decurso destas campanhas. Tem também realizado actividades de divulgação, tais como exposições, organização de seminários, cursos e jornadas e edição de publicações sobre temas ligados ao seu campo investigação.

O CPGP possui um núcleo museológico e bibliotecário com um espólio considerável, quer arqueológico, quer paleontológico.

LISTA DE Participantes

Nome	Instituição	Nome	Instituição
Alexandra Figueiredo	IPT	Luís Raposo	MNA
Ana Cruz	CPH-CPGP	Luísa Teixeira	Universidade Nova de Lisboa
Ana Graça	CPH-CPGP	Mariana Villar	CPGP
Anabela Joaquineto	APIA	Mário Antas	CPGP-MNA
André Nunes		Mário Santos	CPGP
Arlinda Fortes	IPT	Nélson Almeida	M. Mação
Carlos Batata	Serra Mãe	Nuno Ribeiro	APIA
Carlos Ferreira	Museu da Amadora	Pierluigi Rosina	CPGP-IPT
Cláudia Cunha	CIAS	Raquel Vilaça	Faculdade de Coimbra
Cristina Lopes	Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa	Rui Santos	IPT
Daniel Gonçalves	Museu da Amadora	Silvério Figueiredo	CPGP-IPT
Davide Delfino	Instituto Terra e Memória	Sofia Ferreira	CPGP
Elisa de Sousa	Uniarq	Sónia Ferro	
Enrique Cuenca	Instituto de Arqueología - Mérida	Tatiana Iria	CPGP
Fernando Coimbra	CPGP	Tiago Tomé	CIAS
Filipa Gouveia	Museu da Amadora	Vanessa Sousa	CIAS
Inês Câmara	IPT-Mapa de Ideias	Sara Brito	IPT
Isabel Cristina Fernandes	CPGP / CMP	Pedro Cunha	CMA- UC
João Caninas	Universidade Nova de Lisboa	Teresa Alves	Centro de Estudos da U.L
João Cunha Ribeiro	Universidade de Lisboa	Edmundo Rijo	CPGP
João Luís Cardoso	Universidade Aberta	Ângela Branco	Estradas de Portugal
José d'Encarnação		Carlos Ramos	Estradas de Portugal
Manuel Rosa	CPGP	Luís Barros	C.M. Almada
Samuel Pereira	IPT	Júlio Pinto	CPGP
Joaquim Jorge	C M Loures	José Carvalho	CPGP
José Rolão	Faculdade de Letras de Lisboa	Júlio Pereira	

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Luís Raposo
Doutor José Rolão
Doutor João L. Cardoso
Doutora Raquel Vilaça
Doutor José d'Encarnação
Mestre Isabel C. Fernandes
Doutor Fernando Coimbra
Doutor Pierluigi Rosina
Doutor Silvério Figueiredo
Mestre Nélon Almeida
Doutor Tiago Tomé
Doutor. Ana Cruz
Mestre Mário Antas
Doutor Pedro Proença Cunha
Doutor João Pedro Cunha Ribeiro
Doutor Luís Barros

Comissão Organizadora

Doutor Silvério Figueiredo
Doutora Ana Cruz
Doutor Fernando Coimbra
Mestre Ana Graça
Dr. Mário Santos
Dra. Sofia Ferreira
Dra. Tatiana Iria
Dra. Arlinda Fortes

PROGRAMA

5ª Feira – 19 de Abril

10:00 – Entrega de pastas

10:30 – Sessão de Abertura

Mesa de Abertura

Eng. Carlos Teixeira, Presidente da Câmara Municipal de Loures

Doutor Miguel Pinto dos Santos – Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Silvério Figueiredo – Presidente do Centro Português de Geo-História e Pré-História

Doutora Ana Rosa Gomes Pinto da Cruz – Responsável do Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar

11:15 – Conferência de Abertura do Congresso

A Arte do Tejo: 40 anos depois

Professor Dr. Luís Raposo

12:15 – Almoço livre

Sessão Temática: **Mesolítico**

Coordenador Professor Doutor José Manuel Rolão

14:00 – Particularidades da Indústria Lítica em sílex do Concheiro da Moita do Sebastião

Anabela Joaquinito

14:30 – Debate

Sessão Temática: **Arte Rupestre**

Coordenador Professor Doutor Fernando Coimbra

14:45 – Arte Rupestre incisa da Bacia Hidrográfica do Médio/Alto Tejo Português em contexto ibérico: Semelhanças e diferenças

Fernando Coimbra

15:15 – Trabalhos Arqueológicos desenvolvidos em Painéis de Arte Rupestre em Mamoas do Concelho de Pampilhosa da Serra, Portugal

Carlos Batata e Filomena Gaspar

15:35 – Tradição Popular em Arte Rupestre

Sara Brito

15:55 – **Coffee-Break**

16:10 – Arte Rupestre; uma abordagem semiótica

Cristina Lopes

16:30 – Arte Rupestre da Serra do Cabeço Rainha (Sertã-Oleiros), Enquadrada na Arte Rupestre da Região Centro de Portugal

Nuno Ribeiro, Anabela Joaquinito

16:50 – Vestígios de Arte Rupestre Esquemática no Alto Ribatejo: abordagem preliminar

Ana Cruz, Ana Graça e Fernando Coimbra

17:10 – Debate

6ª Feira – 20 de Abril

10:30 – Conferência de Abertura (**Geoarqueologia**)

Os terraços do baixo Tejo como arquivos da tectónica, eustatismo, clima e ocupação humana durante o Pleistocénico

Professor Doutor Pedro Proença da Cunha

Sessão Temática: **Geoarqueologia**

Coordenador Professor Doutor Pedro Proença da Cunha

11:15 – Estudo Petrográfico de algumas Rochas presentes em Artefactos de pedra polida do Alto Ribatejo

Júlio Pereira

11:45 – **Coffee-Break**

Sessão Temática: **Arqueozoologia**

Coordenadores Professor Doutor Silvério Figueiredo / Mestre Nelson Almeida

12:00 – As Aves Fósseis do Centro de Portugal: Dos vestígios mais antigos ao Pleistocénico. Contexto paleontológico e arqueológico.

Silvério Figueiredo

12:25 – Do Bronze final aos períodos Tardo-Romano e Medieval: as arqueofaunas da Gruta do Cadaval (Alto Ribatejo)

Nelson Almeida

12:50 – Debate

13:00 – Almoço (livre)

Sessão Temática: **Museologia e Didáctica**

Coordenadores Doutora Ana Cruz / Mestre Mário Antas

14:30 – Valorização do património arqueológico e desenvolvimento turístico: dos riscos às potencialidades

Teresa Alves

15:10 – O Poder do Objecto: Comunicar e criar experiências com artefactos (e mentefactos, tecnologias, actividades)

15:40 – Um Olhar Sobre a Pré-História do Espichel: estudo sobre a percepção dos visitantes

Mário Antas e Sofia Ferreira

Inês Bettencourt da Câmara

16:10 – Museografia: o caso da exposição "Um olhar sobre a Pré-História do Espichel

Tatiana Iria; Sofia Ferreira e Arlinda Fortes

16:30 - Debate

16:40 - **Coffee-Break**

Sessão Temática: **Antropologia Biológica**

Coordenador Doutor Tiago Tomé

16:50 – Contextos funerários da transição 4º/3º milénio a.C. no vale do Nabão – O caso da Gruta dos Ossos (Tomar)

Tiago Tomé

17:20 – Dental Morphology of a Neolithic Sample from the Burial Cave of Cadaval, Tomar, Portugal

Cláudia Cunha; Ana Maria Silva

17:45 – Una lectura social de las cuevas con osarios del valle del Tajo (VI-III milenio cal BC): Garganta Canaleja (Romangordo).

Enrique Cerrillo Cuenca

18:10 – Quando os Ossos Falam – Santa Maria dos Olivais, Tomar

Sónia Ferro

17:35 – Debate

Sábado – 21 de Abril

09:30 – Conferência de Abertura (**Proto-História**)

Quinta do Almaraz, Uma Cidade na Foz do Tejo

Doutor Luís Barros

Sessão Geral: **Idade dos Metais**

Coordenador Prof. Doutora Raquel Vilaça

10:15 – Entre o II^o e o I^o Milénio a.C. na bacia do Tejo: problemas não resolvidos e novas abordagens de investigação para a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro

Elisa Sousa, Davide Delfino

10:45 – Modalidades Funerárias na Idade do Bronze Final no Alto Ribatejo

Ana Cruz, Ana Graça e Davide Delfino

11:05 – O sítio arqueológico do Castelo da Loureira (Alvaiázere) – Problemáticas e Interrogações

Rui Santos e Alexandra Figueiredo

11:30- Debate

11:45 - **Coffee-Break**

Sessão Geral: **Neolítico**

Coordenador: Prof. Doutor João Luís Cardoso

12:00 – Estudo do espólio funerário neocalcolítico da Sala do Ricardo da Lapa da Bugalheira (Torres Novas, Santarém)

André Nunes

12:30 – La evolución del paisaje en la Prehistoria Reciente del valle extremeño del Tajo: el proyecto Alconétar

Enrique Cerrillo Cuenca, et al

12:50 – Debate

13:00 – Almoço livre

14:30 – Conferência de Encerramento do Congresso

O Acheulense da região de Muge e a jazida do Cabeço da Mina

Professor Doutor João Pedro Cunha Ribeiro

15:30 – Sessão de Encerramento

Domingo – 22 de Abril

10:00 – Participação no *Rali-paper* dos Fortes, organizado pela C. M. Loures

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Conferência de Abertura do Congresso

A Arte Rupestre do Tejo, 40 anos depois

Luís Raposo*

* Director do Museu Nacional de Arqueologia

Assinala-se este ano quatro décadas sobre a identificação da Arte Rupestre do Vale do rio Tejo.

A importância dessa descoberta foi tal que se tornou comum chamar aos seus protagonistas "a geração do Tejo". Recentemente a Associação de Estudos ao Alto Tejo dedicou à efeméride um número da sua revista disponível em linha, a Açaфа nº 4 (http://www.altotejo.org/acaфа/acaфа_n4.html).

Na presente comunicação passamos em revista as circunstâncias da descoberta, de que fomos também parte, e fazemos uma breve apresentação das principais características do ciclo artístico tagano.

Em jeito de balanço final, comparamos a arte do Tejo com a arte do Côa, quer quanto às suas características históricas intrinsecamente diferenciadas, quer quanto à sorte da sua preservação e impacte social, dando conta de dois momentos diversos da história portuguesa recente.

I Sessão: Mesolítico

Particularidades da Indústria Lítica em sílex do Concheiro da Moita do Sebastião

Anabela Joaquineto*

* APIA

O concheiro da Moita do Sebastião foi destruído quase até à base em 1952, as escavações arqueológicas realizadas por Jean Roche e Octávio da Veiga Ferreira entre 1952 e 1954, em cerca de um metro de concheiro intacto, permitiram o estudo de cerca de 4000 peças em sílex provenientes da “camada profunda”.

Nos concheiros do Vale do Tejo verifica-se que a opção por um tipo de geométrico, praticamente anula a produção dos restantes, e é no concheiro da Moita do Sebastião que a diferença numérica morfológica entre geométricos é mais evidente, no qual cerca de 91% dos micrólitos geométricos são trapézios. E é também um dos dois concheiros, o outro é o concheiro do Cabeço da Arruda, que apresenta uma produção lítica orientada para a extracção de suportes lamelares destinados á produção de lamelas retocadas, sendo a sua densidade superior aos micrólitos geométricos.

E apresentar uma análise das estratégias de exploração do sílex e dos atributos morfológicos dos instrumentos mais significativos.

II Sessão: Arte Rupestre

Arte Rupestre Incisa da Bacia Hidrográfica do Médio/Alto Tejo Português em contexto ibérico: Semelhanças e diferenças

Fernando Coimbra*

Grupo de Quaternário e Pré-História; Centro de Geociências da FCT; Centro Português de Geo-História e Pré-História

Na história da investigação da arte rupestre os exemplos de arte incisa pós-paleolítica têm sido frequentemente negligenciados em publicações de carácter geral. Todavia, este tipo de arte encerra uma tipologia de motivos muito rica e diversificada, que merece um estudo aprofundado, pois contribui para o melhor conhecimento dos grupos humanos que a produziram.

Nesta comunicação o autor faz uma abordagem sintética à arte rupestre incisa existente na Bacia Hidrográfica do Médio/Alto Tejo português, estabelecendo semelhanças e diferenças tipológicas relativamente a outras regiões da Península Ibérica.

Por último são ainda apresentados alguns paralelos de além Pirenéus, descobertos recentemente, que ajudam a clarificar a problemática da cronologia deste tipo de gravuras.

Trabalhos arqueológicos Desenvolvidos em painéis de Arte Rupestre e em Mamoas do Concelho de Pampilhosa da Serra, Portugal

Carlos Batata e Filomena Gaspar*

Arqueólogos da SERRA-MÃE, Associação Cultural da Beira Serra

Com a realização da Carta Arqueológica do concelho de Pampilhosa da Serra, em 2009, os autores identificaram cerca de 150 painéis de arte rupestre, nas cabeceiras do Rio Unhais, bem como a identificação de 147 mamoas, no espaço físico do concelho.

A arte rupestre associa-se ao período neolítico e ao calcolítico, estendendo-se até à Idade do Bronze. As mamoas apresentam as mesmas cronologias, tendo os autores intervencionado três, sendo uma delas, calcolítica e duas da Idade do Bronze.

Em 2011, para além da escavação de uma das mamoas, desenharam-se alguns painéis de arte rupestre, inseridos agora uns e outros no projecto de investigação denominado *Arte rupestre e monumentos funerários da Pré-história recente do concelho de Pampilhosa da Serra*.

Para além destes trabalhos ensaiaram-se técnicas de remoção de líquenes sobre gravuras rupestres, sem utilização de produtos químicos.

Palavras-chave: Pré-história, arte rupestre, mamoas, preservação

Tradição Popular e Arte Rupestre

Sara Brito *

* Instituto Politécnico de Tomar

Na presente sessão apresentam-se as lendas mais comuns associadas aos sítios de Arte Rupestre presentes no norte e centro de Portugal, com paralelos na Europa Ocidental, focando a atenção sobretudo em exemplos da Arte Rupestre do Tejo.

A existência desta tradição popular, muitas vezes reflectida através dos cultos e peregrinações aos locais com Arte Rupestre, bem como na continuidade da prática de gravação na rocha, mostra que a Arte Rupestre terá sido um factor de identidade e territorialidade não só para os seus autores e grupos que esses integravam, mas também para quem as tem vindo a observar e interpretar ao longo dos tempos.

Frequentemente relacionadas com as passagens de santos ou heróis, com “Mouros”, tesouros e até mesmo com o Diabo, as lendas reflectem que, no imaginário popular, as gravuras pertencem a um tempo passado e muito antigo.

Arte Rupestre; uma abordagem semiótica

Cristina Lopes *

* Mestranda da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

A arte rupestre constitui um legado precioso que os nossos antepassados decidiram legar para a posteridade. Um número de elementos recorrentes, presente em todos os continentes, indica que a principal gramática e sintaxe, da arte rupestre responde a um padrão universal de cognição, lógica e comunicação. A arte rupestre aparece como a expressão de uma linguagem primordial, com distintos dialectos, que pode ser lida abstendo-se da língua. Isto leva-nos a uma linguagem universal, pictográfica, uma proto-escrita que uma vez decifrada, pode ser percebida.

A arte rupestre revela a capacidade humana de abstracção, síntese e idealização. Descreve actividades económicas e sociais, ideias, crenças, práticas e proporciona uma perspectiva única dentro da vida intelectual e dos padrões culturais do homem. Antes da invenção da escrita, a arte rupestre gravou o testemunho artístico mais antigo da imaginação e criatividade humana. Em suma constitui um dos aspectos mais significativos do património comum da humanidade.

Arte Rupestre da Serra do Cabeço Rainha (Sertã-Oleiros), Enquadrada na Arte Rupestre da Região Centro de Portugal

Nuno Ribeiro*, Anabela Joaquineto*

* APIA

O presente artigo pretende dar a conhecer as recentes descobertas inéditas de sítios de arte rupestre realizadas na sequência em vários trabalhos arqueológicos de prevenção e de acompanhamento arqueológico de obras de construção do projecto Parque Eólico “Cabeço Rainha” promovido pela empresa ENERNOVA (Grupo EDP), nas áreas da Serra do Cabeço Rainha, (Concelhos da Sertã, Oleiros), e áreas de Castelo Branco.

Pretende-se abordar o fenómeno da arte rupestre da região, através da análise do conteúdo gráfico dos painéis gravados e da arqueologia espacial, bem como analisar o seu enquadramento no fenómeno na arte rupestre da região centro de Portugal.

Vestígios de Arte Rupestre Esquemática no Alto Ribatejo: abordagem preliminar

Ana Cruz, Ana Graça e Fernando Coimbra*

Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar; Grupo do Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; Centro Português de Geohistória e Pré-História

A arte rupestre encontrada até ao momento no concelho de Abrantes permite-nos organizá-la geograficamente em três grandes grupos: o Núcleo de Martinchel, com um total de sete rochas, o Núcleo de Aldeia do Mato, com uma rocha e o Núcleo de Rio de Moinhos, com quatro rochas.

As particularidades que se podem observar numa primeira análise apontam para a inserção dos núcleos de Martinchel e de Aldeia do Mato como representações reservadas à área de influência do rio Zêzere, enquanto o núcleo de Rio de Moinhos integram a bacia hidrográfica do rio Tejo.

Contudo, e embora exista uma distância relativamente grande entre os vários núcleos, os motivos e padrões não diferem, mantendo-se a predominância, ou preferência, das covinhas como elo comum entre todos eles.

A função decorrente destas representações artísticas dos grupos humanos agro-pastoris e metalúrgicos apresenta-se com uma configuração que estabelecia indubitavelmente um grau interactivo temático, relacionando as comunidades com o profano e o sagrado, a um grau e nível mítico, ritual e imaginário infelizmente perdido para nós.

Conferência de Geoarqueologia

Os terraços do baixo Tejo como arquivos da tectónica, eustatismo, clima e ocupação humana durante o Pleistocénico

Pedro Proença da Cunha*

* Instituto do Mar – CMA; Departamento de Ciências da Terra da Univ. Coimbra

Estudos geomorfológicos e sedimentológicos permitiram identificar no Baixo Tejo uma escadaria de seis terraços fluviais (T1 a T6), embutidos na unidade sedimentar que regista o rio Tejo anteriormente ao processo de encaixe fluvial e situados acima da planície aluvial. Para além destas unidades constituídas por cascalheiras, areias e siltes, ainda se identificou uma unidade de areias eólicas médias a finas. Existem também várias gerações de coluviões.

Os terraços apresentam as seguintes elevações acima da planície aluvial: + 111 m (T1); +83 m (T2); +61 m (T3); +34 m (T4); +18 m (T5) e +10 m (T6). A unidade que regista o enchimento anteriormente à incisão fluvial possui a superfície a cerca dos +138 m (P).

Vários métodos de datação absoluta (Luminescência e Séries de urânio) permitiram datar os terraços mais recentes e a unidade de areias eólicas plistocénica (Ae): Ae – 12 a 32 ka; T6 – 32 a 62 ka; T5 – 75 a 136 ka; T4 – ca. 160 a 400 ? ka. Tendo em conta a elevação da superfície de cada referência, por extrapolação destas idades estimaram-se as seguintes prováveis idades para o topo dos terraços altos: T3 – ca. 450 ka; T2 – ca. 700 ka; T1 – ca. 1,1 Ma.

Indústrias líticas têm sido encontradas “in situ” nos três terraços inferiores (T4, T5 e T6) bem como nas areias eólicas, permitindo estimar-se uma idade de 300 ka para os artefactos mais antigos: T4 - Paleolítico Inferior (Acheulense) a Paleolítico Médio; T5 – Paleolítico Médio (Mousteriense); T6 – Paleolítico Médio tardio (Mousteriense final); Ae – Paleolítico Superior a Epipaleolítico.

Calcularam-se taxas de soerguimento regional de ca. 0,2 m/ka nos últimos 160 ka, condicionadas também localmente por várias falhas activas no Quaternário.

As datações dos terraços inferiores permitem concluir que as alternâncias de ciclos de escavamento, alargamento do vale e sedimentação que geraram os terraços foram controladas por variações glácio-eustáticas, ocorrendo a agradação nos períodos com alto nível do mar e importante acarreo de sedimentos fluviais. Enquanto o T6 regista condições climáticas frias e húmidas, a passagem à unidade de areias eólicas que se depositou em clima frio e seco permitiu datar de 32 ka o desaparecimento da Megafauna e das comunidades de Neanderthal associadas.

III Sessão: Geoarqueologia

Estudo Petrográfico de algumas Rochas presentes em Artefactos de pedra polida do Alto Ribatejo¹

Júlio Pereira

* Mestre em Pré-História e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

¹ Trabalho realizado pelo autor, com base em elementos petrográficos fornecidos pelo Dr. António Barros e Carvalhos.

Face à escassez de estudos sobre esta matéria o autor recupera aqui e desenvolve, nalguns aspectos, informação contida na sua tese de mestrado referente ao estudo petrográfico de algumas rochas que serviram de suporte ao fabrico de artefactos de pedra polida recenseados no Alto Ribatejo, dando-lhe assim uma maior visibilidade e actualidade.

Através da realização de lâminas delgadas, que permitiram a análise dos componentes mineralógicos de 12 amostras, foi possível

- Averiguar em que medida a matéria-prima usualmente utilizada na região no fabrico de artefactos de pedra polida era, efectivamente, o anfibolito;
- Verificar a existência de matérias-primas que, através da análise macroscópica, apresentavam muitas semelhanças, embora fossem, efectivamente, diferentes;
- Compreender qual a natureza petrográfica de certo tipo de seixos das cascalheiras do Rio Tejo e averiguar se terão servido de base à execução de alguns artefactos.
- Determinar a origem provável da matéria-prima empregue no fabrico de alguns artefactos, permitindo, assim, uma melhor compreensão dos circuitos de intercâmbio no Neolítico Final e no Calcolítico.

IV Sessão: Arqueozologia

As Aves Fósseis do Centro de Portugal: Dos vestígios mais antigos ao Pleistocénico. Contexto paleontológico e arqueológico.

Silvério Figueiredo*

* Prof. Assistente do Instituto Politécnico de Tomar; Presidente do C.P.G.P.

Em Portugal existem várias jazidas com restos de aves fósseis, desde o Jurássico Médio até ao Holocénico. Com excepção dos vestígios encontrados recentemente na costa alentejana (pegadas) e dos encontrados na Gruta do Escoural (Évora), as restantes jazidas com restos de aves fósseis portuguesas localizam-se na zona centro do país.

Anteriormente ao Pleistocénico só se conhecem seis jazidas: Guimarota (Jurássico Superior); Cabo Espichel (Cretácico Inferior); Silveirinha (Eocénico Médio); Charneca (Lisboa); Praia do Penedo (Península de Setúbal) e Amor (Leiria) (Miocénico Inferior e Superior). Pro seu lado, no Plistocénico, o registo fóssil é muito mais abundante, especialmente no Pleistocénico Superior. Deste período conhecem-se 16 jazidas com presença de aves: 14 na zona centro, em contexto arqueológico e duas na zona sul de Portugal, uma em contexto arqueológico (Escoural) e outra em contexto Geológico (Sines).

Do Bronze final aos períodos Tardo-Romano e Medieval: as arqueofaunas da Gruta do Cadaval (Alto Ribatejo)

Nelson Almeida* ; Palmira Saladié** ; Ana Rosa Cruz*** ; Luiz Oosterbeek****

* Bolseiro de Doutoramento FCT; GQP-CG, Grupo Quaternário e Pré-História (Centro de Geociências – ul&D 73 FCT); ITM, Instituto Terra e Memória; Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo (Mação, Portugal); Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo, Largo Infante D. Henrique, 6120-750, Mação. E-mail: nelsonjalmeida@gmail.com

** IPHES, Institut Català de Paleoecologia Humana i Evolució Social; URV, Universitat Rovira i Virgili, Àrea de Prehistòria; GQP-CG, Grupo Quaternário e Pré-História (Centro de Geociências – ul&D 73 FCT).

*** CPH, Centro de Pré-História – Instituto Politécnico de Tomar; GQP-CG, Grupo Quaternário e Pré-História (Centro de Geociências – ul&D 73 FCT).

****IPT, Instituto Politécnico de Tomar; ITM, Instituto Terra e Memória; GQP-CG, Grupo Quaternário e Pré-História (Centro de Geociências – ul&D 73 FCT).

A Gruta do Cadaval localiza-se nos Canteirões do Nabão (Alto Ribatejo). Esta cavidade cársica apresenta uma extensa sequência estratigráfica desde o Paleolítico médio aos períodos Tardo-Romano e Medieval. Os registos arqueográficos indicam diferentes ocupações com vestígios arqueofaunísticos que totalizam c. 2250 (NSP) fragmentos.

A presente comunicação incide nos espectros arqueofaunísticos identificados, sua diferente representatividade, acumulação e relação com as fases de ocupação da cavidade durante a Idade do Bronze final (NSP=773) e os períodos Tardo-Romano e Medieval (NSP=564). A categoria taxonómica predominante nestes contextos são os ovino-caprinos (*Ovis aries*, *Capra hircus*). Ainda que as práticas cinegéticas estejam comprovadas (e.g. *Cervus elaphus*, *Capreolus capreolus*), não se sobrepõem à componente doméstica dos espectros identificados.

Palavras-chave: Alto Ribatejo, Gruta do Cadaval, Zooarqueologia.

V Sessão Museologia e Didáctica

Valorização do património arqueológico e desenvolvimento turístico: dos riscos às potencialidades

Teresa Alves*

* Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

1. O papel do património arqueológico na promoção do desenvolvimento das atividades de turismo e lazer. As motivações dos turistas e a incorporação do património arqueológico em diversos tipos de roteiros. Exemplos a diferentes escalas.
2. Os riscos versus as potencialidades: como mitigar os riscos da incorporação do património arqueológico nas atividades de turismo e lazer; quais as potencialidades para o desenvolvimento local e regional.
3. Novas oportunidades decorrentes das mudanças nos valores sociais, nas práticas e nos comportamentos, mas também no modo como se aborda o património. Exemplos do que tem sido feito e do que pode ser o futuro.

Um Olhar Sobre a Pré-História do Espichel: estudo sobre a percepção dos visitantes

Mário Antas* e Sofia Ferreira**

* Museu Nacional de Arqueologia; Centro Português de Geo-História e Pré-História

** Centro Português de Geo-História e Pré-História

A análise de públicos é uma prática cada vez mais frequente para as instituições museológicas. Apesar de não ser uma prática muito utilizada na avaliação de exposições temporárias de arqueologia em Portugal, é um instrumento precioso para entender a forma como os visitantes percebem a exposição. Por outro lado, permite efectuar uma avaliação das soluções museográficas utilizadas nesta exposição temporária.

Depois da análise, interpretação dos resultados, são estudadas novas fórmulas museográficas para que a próxima exposição temporária vá ao encontro dos elementos que o público considerou mais importantes na exposição.

O Poder do Objecto

Comunicar e criar experiências com artefactos (e mentefactos, tecnologias, actividades)

Inês Bettencourt da Câmara*

* Mapa de Ideias / IPT

As funções museológicas de comunicação e educação são alvo de escrutínio público desde o *Museu Moderno*. Nesta comunicação, discutimos o impacto destas funções na leitura do património como um todo e do enorme potencial que os *objectos dos nossos passados* têm na construção de uma sociedade melhor na actualidade.

Museografia: o caso da exposição "Um olhar sobre a Pré-História do Espichel

Tatiana Iria; Sofia Ferreira e Arlinda Fortes*

* Centro Português de Geo-História e Pré-História

A exposição "Um olhar sobre a Pré-História do Espichel", esteve patente no Museu Nacional de Arqueologia, entre Setembro de 2011 e Fevereiro de 2012.

A exposição contou com uma alargada equipa de voluntários que se encarregou da planificação, concepção e execução de toda a estrutura, com vista ao objectivo primeiro, o de dar a conhecer tanto à comunidade científica, como à comunidade em geral os trabalhos levados a cabo na zona de Sesimbra, nas áreas da Arqueologia e da Paleontologia.

Foram para todos preocupação a comunicação da mensagem com o grande público, nomeadamente tornar acessível a todos a compreensão de conceitos destas áreas específicas do saber, ao mesmo tempo que houve também uma preocupação com a concepção gráfica, que documentado o processo de desenvolvimento do modelo comunicação (gráfica) da exposição. Da concepção de materiais visuais e informacionais, à sua difusão. A par disto, durante os cinco meses em que se apresentou ao público, foram realizadas diversas iniciativas quer de cariz lúdico e pedagógico (como as visitas-guiadas, concerto, workshops), quer de cariz científico (como o congresso e as conferências).

Todas as decisões tomadas, opções por este ou aquele método, a realização desta ou daquela actividade tiveram sempre como objectivo último difundir a mensagem museológica e estreitar os laços entre museu e comunidade.

VI- Sessão: Antropologia Biológica

Contextos funerários da transição 4^o/3^o milénio a.C. no vale do Nabão – O caso da Gruta dos Ossos (Tomar)

Tiago Tomé*

*CIAS/Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra; Grupo de Quaternário e Pré-História, Centro de Geociências

Os maciços calcários do vale do Nabão a Norte de Tomar são ricos em grutas com utilização funerária pré-histórica. Algumas destas cavidades cársticas foram alvo de diversas intervenções arqueológicas a partir dos anos 80 do século passado, levando à exumação de importantes espólios osteológicos humanos, datados de diferentes momentos da transição para o agro-pastoralismo. Apresentam-se aqui os dados relativos ao espólio osteológico humano exumado de uma destas necrópoles, a Gruta dos Ossos, cuja utilização funerária se situa na transição entre o 4^o e o 3^o milénio a.C.

Dental Morphology of a Neolithic Sample from the Burial Cave of Cadaval, Tomar, Portugal

Claudia Cunha* ;Ana Maria Silva**

*claudia.cunha.k@gmail.com; CIAS/Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Investigação financiada no âmbito da Bolsa Individual de Doutoramento (SFRH/BD/70495/2010), Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Educação e Ciência.

** amgsilva@antrop.uc.pt; CIAS/Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

For the past two years, samples belonging to the recent prehistory of Portugal have been studied in an effort to characterize the dental morphology of populations living in the country and their biological proximity. The human osteologic sample from the Neolithic levels in burial cave of Cadaval were included in this study. The dental morphology of the individuals in the sample was registered using the ASUDAS methodology and this data was inserted in a database for comparison among other samples from the recent Prehistory of the region. This paper presents the first results of the study. In comparison with other collections from the Iberian Peninsula we can notice that Cadaval presents rich and pronounced degrees of discrete nonmetric traits for the anterior dentition, an aspect that has been observed in recent laboratorial work in collections from Portugal and Spain. Data on the sample must however be taken cautiously once the sample is very limited in terms of numbers. A better characterization of the populations inhabiting the Nabão region can only be carried out once other samples from other regional collections are studied.

Una lectura social de las cuevas con osarios del valle del Tajo (VI-III milenio cal BC): Garganta Canaleja (Romangordo).

Enrique Cerrillo Cuenca*

*Instituto de Arqueología - Mérida (CSIC - Junta de Extremadura)

Una de las realidades más incómodas de la Prehistoria del Tajo extremeño era la ausencia de material osteológico que impulsara una lectura social más allá de lo que puede inferirse con dificultades de otros contextos del registro arqueológico como el poblamiento o el registro material de los dólmenes. En este panorama, el análisis de la esfera funeraria se había restringido únicamente a las

arquitecturas megalíticas presentes en distintos tipos de paisajes, pero donde desgraciadamente el registro osteológico está ausente, debido esencialmente a razones de tipo tafonómico.

La documentación de una serie de cavidades naturales con evidencias de uso sepulcral durante el Neolítico y el Calcolítico ha permitido emitir algunas consideraciones de alcance social sobre estas comunidades del Tajo. En una labor de recopilación y análisis ya iniciada por nosotros (Cerrillo y González 2007) el número de emplazamientos naturales con inhumaciones prehistóricas crecía significativamente con respecto a las suposiciones iniciales. Esta información permite por primera vez conectar culturalmente a esta área con otras del tramo occidental del Tajo, como el Alto Ribatejo (Tomé 2011), donde la evidencia de osarios en cuevas naturales resalta desde las fases iniciales del Neolítico.

Los trabajos que hemos desarrollado en las cuevas de la Garganta Canaleja (Romangordo) nos permitieron documentar arqueológicamente esta realidad. En primer lugar encontramos una modalidad de formas de enterramiento que probablemente sea la más estable de la Prehistoria Reciente del Tajo, en contra de la creencia más o menos generalizada de que muchos de estos enterramientos se realizaron de forma preferente durante periodos “pre-megalíticos”. El análisis de los osarios de una de las cavidades, Tío Republicano, supone un avance por cuanto se documenta una práctica de cremación y fragmentación de los material osteológico durante el III milenio cal BC. Por otra parte, es un avance a la hora de definir la estructura demográfica de estas poblaciones, ciertamente mal conocidas. Las inferencias de tipo simbólico y social que pueden realizarse son varias, siendo la más importante la disolución de la identidad de los individuos en un único contexto, que en tanto producto social, es representativo de una concepción igualitaria del grupo. Finalizaremos estableciendo analogías y disimilitudes con el megalitismo del entorno a nivel de ocupación del paisaje, equipamiento material de los ajuares y actividades de tipo económico.

Quando os Ossos Falam – Santa Maria dos Olivais, Tomar

Sónia Ferro*

*Antropóloga Biológica

A necrópole Medieval/Moderna de Santa Maria dos Olivais em Tomar, foi utilizada entre os séculos XIII e XVIII.

Durante a escavação desta necrópole foram exumados 3675 inumações primárias e 1456 ossários, perfazendo um total mínimo de 6792 indivíduos.

Este número, pouco usual em escavações de necrópoles, permite uma visão mais detalhada do que seria a utilização do espaço, costumes, características e patologias mais frequentes nesta população.

Conferência de Abertura (Proto-História)

Quinta do Almaraz, Uma Cidade na Foz do Tejo

Luis Barros *

* Câmara Municipal de Almada

A estação arqueológica da Quinta do Almaraz foi identificada em 1987 durante trabalhos de arqueologia industrial realizados pelo Museu Municipal de Almada na Fábrica de Óleo de Peixe, em Cacilhas. Desde a sua descoberta até hoje realizaram-se diversas campanhas de escavação que colocaram à vista estruturas habitacionais (casa com forno), estruturas defensivas (muralha e fosso) e um vasto espólio de mais de um milhão de fragmentos cerâmicos, muitos milhares de ecofactos, materiais líticos e metálicos. A grande maioria do espólio foi recolhida na estrutura negativa que é o fosso e que foi identificado em cerca de 150m do seu perímetro. Esta estrutura defensiva encontrava-se a pequena distância da muralha que, no troço melhor conservado, possuía ainda 5m de altura. Apesar da dificuldade e da quantidade de mão-de-obra necessária para a construção do fosso que tem cerca de 3.5m de fundo por cerca de 6m de largura, este foi completamente colmatado por lixos provenientes do povoado no séc.VII a.C. de uma forma rápida. É provável que a segunda linha de muralha tenha sido construída nesta fase de expansão da cidade e que à sua frente tenha sido aberto novo fosso, algo ainda não comprovado.

Das situações em estudo no Almaraz, as sepulturas de cães e a arqueometalurgia merecem destaque. Também a quantidade de grafitos com embarcações de diversos tipos confere ao Almaraz uma característica própria de uma cidade claramente ligada ao mar e ao rio, quer do ponto de vista comercial, artesanal e de subsistência.

As várias vertentes de uma grande cidade, que deve ter ocupado mais de 6 hectares, estão neste momento a ser equacionadas num grande projecto que incluirá diversas estruturas universitárias e de investigação.

VII Sessão- Idade dos Metais

Entre o IIº e o Iº Milénio a.C. na bacia do Tejo: problemas não resolvidos e novas abordagens de investigação para a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro

Elisa Sousa*; Davide Delfino**;

*Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Bolseira de Pós-Doutoramento pela F.C.T.)

**Instituto Terra e Memória/Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências (Bolseiro de Pós-Doutoramento pela F.C.T.)

A investigação arqueológica do período compreendido entre o Bronze Final e os primórdios da Idade do Ferro sofreu, no decurso dos últimos anos, algumas notáveis alterações em termos da geografia de investigação. Contudo, e apesar da proliferação de projectos de investigação a que se assistiu nessa mesma área, subsiste ainda uma forte dicotomia entre o conhecimento da fase final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro. Esta dicotomia assenta, sobretudo, num desfazamento da informação disponível para o que se entende como a área do Estuário do Tejo (até Santarém) e a área mais a montante do rio (até as Portas de Ródão).

Enquanto no primeiro caso o conhecimento sobre o período sidérico seja consideravelmente amplo e os dados sobre o Bronze Final um pouco mais escassos, a norte do Baixo Tejo (área ribatejana) a situação é radicalmente inversa, sendo a fase da Idade do Ferro aquela que é menos conhecida. O trabalho que aqui se apresenta pretende esboçar um reflexo crítico sobre o estado actual dos conhecimentos, afectados por exemplo pela falta de um faseamento crono-cultural e sequencial nas cronologias absolutas para a Idade do Bronze, e apresentar projectos de pós-doutoramento que serão

desenvolvidos em ambas as áreas e que procurarão resolver algumas das problemáticas suscitadas, propondo novas abordagens de investigação.

Modalidades Funerárias na Idade do Bronze Final no Alto Ribatejo

Ana Cruz^{*}, Ana Graça^{*}, Davide Delfino^{**}

^{*} Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Centro Português de Geohistória e Pré-História

^{**}Instituto Terra e Memória/Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências (Bolsheiro de Pós-Doutoramento pela F.C.T.)

Em trabalhos de prospecção, levados a cabo por Álvaro Batista, foram identificados cerca de 20 *mamoas-tumuli*, numa área de cerca de doze quilómetros, bordejando a margem esquerda do Rio Zêzere, através das suas várias linhas de cumeeira.

Em função das recentes descobertas de campo importava pois testar algumas destas *mamoas-tumuli*, a fim de os compreender e interpretar, enquanto elementos representativos da ocupação humana na paisagem.

À partida, ao observar o cariz arquitectónico marcadamente monumental dos megálitos, previamente sondados e escavados – Antas de Vale Chãos, Jogada e *Pedra da Encavalada*, em contraposição com estes *monumentos-tumuli* verificamos já um indício de descontinuidade face à dissimulação na paisagem destes montículos de seixos organizados em mamoa, denunciando uma nova forma de gerir o território funerário e uma ruptura ideológica com os processos rituais megalíticos.

Estabelecido como princípio primário a divergência comportamental do ponto de vista arquitectónico havia que estabelecer correlações ou dissemelhanças ao nível da cultura material.

Contudo, e considerandos que estávamos perante um novo tipo de sítio no Baixo Zêzere, surgiu como necessário averiguar as consonâncias ou discordâncias daí resultantes, para tal foram intervencionadas a *mamoas-tumuli* de Porto Escuro, a do Souto 1 e a do Souto 2.

É pois o resultado desta primeira aproximação ao fenómeno da morte na Idade do bronze Final do Alto Ribatejo que iremos tratar.

O sítio arqueológico do Castelo da Loureira (Alvaiázere) – Problemáticas e Interrogações

Rui Santos^{*}

^{*} Instituto Politécnico de Tomar

O sítio arqueológico de Castelo da Loureira, localiza-se em Pussos, Alvaiázere (Leiria). Este sítio é caracterizado como um habitat, apresentando vestígios arqueológicos, que o enquadra do Calcolítico à Idade do Ferro. Durante os trabalhos de escavação foram identificados fragmentos de cerâmica doméstica, de pastas grosseiras, um elevado número de artefactos líticos macrolíticos, em quartzito, alguns núcleos, lascas e indústria laminar em sílex. Este habitat é caracterizado por possuir uma forma elíptica, apresentando a existência de 3 linhas de muralha de calcário e seixos, nos topos Oeste e Norte. A Sul e Este, a mesma não parece existir, registando-se no entanto uma boa defesa natural, devido à existência de afloramentos calcários.

Palavras – chave: Castelo da Loureira, Calcolítico, Habitat, Muralha.

VIII Sessão: Neolítico

Estudo do espólio funerário neocalcolítico da Sala do Ricardo da Lapa da Bugalheira (Torres Novas, Santarém)

André Nunes; António Faustino Carvalho; Pedro Souto; João Maurício; Ricardo Rodrigo

A Lapa da Bugalheira consta da bibliografia arqueológica portuguesa desde os trabalhos nela desenvolvidos sob a direção de A. do Paço, os quais permitira reconhecer a existência de um único estrato contendo vestígios da sua utilização funerária no Neolítico final e Calcolítico.

Trabalhos de exploração espeleológica realizados posteriormente pela Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia permitiram a descoberta de uma sala lateral, designada por “Sala do Ricardo”, que foi também utilizada como necrópole desde o Neolítico médio. O objetivo deste trabalho é apresentar os artefactos que foram objecto de recolhas de superfície aquando da referida exploração espeleológica (cerâmica, pedra lascada e polida, e objetos sobre osso e concha), comparando-os com os dados obtidos nos primeiros trabalhos e inserindo-os no seu contexto regional, mais especificamente no âmbito do Arrife da Serra d’Aire.

La evolución del paisaje en la Prehistoria Reciente del valle extremeño del Tajo: el proyecto Alconétar

Enrique Cerrillo Cuenca **, Jairo Naranjo ***, Ivo Santos ****, Raquel Licerias *, Ernesto Salas **, José Ángel Martínez del Pozo *, Mario Gutiérrez ****, Patricia Matamoros *, Alicia Prada **

La investigación realizada durante la última década en el área extremeña del Tajo ha servido para poner de relieve la continuidad de poblamiento desde el Neolítico Antiguo hasta las primeras comunidades metalúrgicas, durante un largo proceso de transformación del paisaje, que hemos analizado en distintos puntos de este territorio. Desde 2007 hemos centrado parte de nuestra actividad en el área de Alconétar, un vado del río Tajo conocido por la existencia de una necrópolis megalítica, que hoy descansa bajo las aguas del embalse de Alcántara.

Una de las metas del proyecto Alconétar es comprender la evolución del paisaje, e inferir su relación con la estructura social de las comunidades de la Prehistoria Reciente. Para ello empleamos un rango de herramientas que abarca desde la revisión historiográfica hasta la práctica combinada de la prospección y excavación, apoyadas todas ellas de forma sustancial por la aplicación de tecnologías de información geográfica.

Los resultados derivados de la aplicación de estas técnicas han permitido variar la valoración del poblamiento en este sector del Tajo, especialmente con la documentación de modalidades de ocupación del espacio, y la integración que éstas tienen con otras manifestaciones como el megalitismo o el arte rupestre. La localización de casi 50 emplazamientos de distinta naturaleza (poblamiento, arte rupestre, dólmenes) sirve para comenzar a trazar una nueva propuesta sobre la evolución del paisaje en el área del Tajo.

Por otra parte, el hecho de que varios de los yacimientos que analizamos se hallen bajo el embalse nos ha obligado a desarrollar técnicas alternativas de documentación y análisis, sin

olvidar por ello el diseño de estrategias de conservación y divulgación del patrimonio, que presentamos en forma de valoración inicial.

Conferência de Encerramento do Congresso

O Acheulense da região de Muge e a jazida do Cabeço da Mina

J. P. Cunha-Ribeiro*

* Universidade de Lisboa

O reconhecimento da importância do Baixo vale do rio Tejo para o estudo das primeiras ocupações humanas do nosso território confunde-se com o próprio aparecimento dos primeiros estudos pré-históricos em Portugal. Com a publicação em 1871 da sua obra sobre a Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados em camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e do Sado, o General Carlos Ribeiro não só procurou aí estabelecer a grande antiguidade dos seus achados na região, como admitiu que alguns deles poderiam mesmo fazer remontar a origem do homem a um período anterior ao próprio Quaternário. A polémica desta cronologia desde logo mobilizou o envolvimento de muitos investigadores, nacionais e estrangeiros, prolongando-se até às primeiras décadas do século XX.

O interesse da região para o estudo do Paleolítico inferior veio de novo a despontar nos anos trinta do século passado, quando no âmbito das campanhas de prospecção e escavação levadas a cabo nos Concheiros na região de Muge se identificaram também na região diversas indústrias líticas associáveis ao Acheulense. Numa dessas situações realizou-se mesmo numa das jazidas detectadas uma pequena escavação que permitiu recolher uma colecção de artefactos em associação com uma unidade sedimentar integrada nos terraços fluviais do rio Tejo que aí se desenvolvem.

As subsequentes investigações conduzidas por Georges Zbyszewski e Henri Breuil permitiram criar, a partir do vale do rio Tejo, um modelo para o estudo do Quaternário em Portugal e das indústrias líticas associadas a algumas das suas principais formações, cuja importância como quadro de referência se revelou inquestionável até aos anos setenta.

O reestudo das colecções do Paleolítico inferior oriundas da região de Muge permite, porém, reanalisar algumas das principais características e problemas que ainda nos nossos dias emergem do estudo das indústrias líticas procedentes da região. Ora, neste contexto, a análise da indústria lítica exumada na escavação que a equipa do Professor Mendes Corrêa promoveu na jazida do Cabeço da Mina revela-se particularmente promissora para uma reapreciação dos problemas que no passado e na actualidade o seu estudo impôs e impõe.